

## CAPÍTULO 4

# **JOSÉ CRAVEIRINHA: NO TEU POEMA NAS- CE O BARRO DA REPARAÇÃO HISTÓRICA JOSÉ CRAVEIRINHA: IN YOUR POEM THE CLAY OF HISTORICAL REPARATION IS BORN**

Sheila Khan

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho/  
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

### **RESUMO**

No contexto da pós-memória, especificamente para aqueles que só indiretamente contactaram pela via da transmissão da memória familiar com o passado colonial, a poesia de José Craveirinha enuncia-se como um legado ético e cívico de estudar e de olhar para dentro do corpo do património de uma nação a partir das suas várias dimensões quer temporais, quer socioculturais e históricas.

Por conseguinte, este texto pretende ser uma forma de diálogo com a sua obra como uma poética da dignidade e da justiça histórica para futuras gerações.

**Palavras-chave:** história; memória; reparação histórica; dever de memória; identidade.

## ABSTRACT

In the context of post-memory, specifically for those who only indirectly contacted through the transmission of family memory with the colonial past, José Craveirinha's poetry is enunciated as an ethical and civic legacy of studying and looking inside the body of the heritage of a nation from its various temporal, socio-cultural and historical dimensions.

Therefore, this text intends to be a form of dialogue with his work as a poetics of dignity and historical justice for future generations.

**Keywords:** history; memory; historical reparation; duty of memory; identity.

*Nasci para cumprir uma vocação: dar testemunho  
dos grandes mistérios.  
Agora que já vi  
o nascimento e a morte, sei:  
na ordem das trevas estas coisas são provas, não  
mistérios  
(Louise Gluck, Ararate, 2021).*

## INTRODUÇÃO: A QUEM PERTENCE ESTA MEMÓRIA?

José Craveirinha, poeta de uma terra encerrada na ambição e ganância dos impérios coloniais, testemunha da luta de libertação nacional e da independência de Moçambique, viveu como cidadão e homem atento aos vários estádios evolutivos de natureza social, económica, histórica e cultural à sua volta. Filho de pai algarvio e de mãe ronga, Craveirinha é uma voz estudiosa, analítica do universo abissal que a experiência, o poder e a violência colonialista portuguesa deixou como legado, assim como dos momentos de entusiasmo, euforia, desalento que caracterizaram a aproximação da independência e as novas lógicas de organização política, económica e social que sustentaram o período do pós-independência em Moçambique. Dotado de uma clarividência histórica e sociológica, Craveirinha cedo alcançou o dom da escrita para mergulhar no seu tempo tão pejado de desigualdades, cisões e espartilhos de toda a ordem. Cresceu num ambiente híbrido no contato intenso entre o canção, no qual a carência económica era maioritária, amplamente vivida por homens e mulheres que lutavam diariamente por um pequeno punhado de dignidade humana e a cidade co-

lonial do cimento. Sopesou, como uma balança sábia, a magnitude e o peso desigual das contradições inerentes a todos aqueles que o império viu nascer, crescer e sobreviver sem que lhes fossem reconhecidos a cidadania e o respeito por aqueles que por direito natural eram os verdadeiros ‘senhores’ da terra espoliada (KHAN, 2013).<sup>1</sup> Na verdade, é esta ambivalência social, cultural e identitária que está ancorada no seu livro **Karingana ua karingana** (1974), no meu entender o livro umbilical de todo o seu caminho e que anuncia com fulgor e tranquilidade a capacidade de um autor cuja maturidade vai ultrapassar o seu tempo de vida, deixando pistas, reflexões e a constância de um conhecimento sobre o amor, a dor, a perda, a luta humana, o desassossego, a crença e a lealdade à sua terra natal:

*E na minha rude e grata  
sinceridade não esqueço  
meu antigo português puro  
que me geraste no ventre de uma tombasana  
eu mais um novo moçambicano  
semiclaro para não ser igual a um branco qualquer  
e seminegro para jamais renegar  
um glóbulo que seja dos Zambeze do meu sangue.*

*Oh pai:  
juro que em mim ficaram laivos  
do luso-arábico Aljezur da tua infância  
mas amar por amor só amo  
e somente posso e devo amar  
esta minha bela e única nação do Mundo  
onde minha Mãe nasceu e me gerou  
e contigo comungou a terra, meu Pai.  
E onde ibéricas heranças de fadas e broas  
se africanizaram para a eternidade nas minhas veias  
E teu sangue se moçambicanizou nos torrões  
da sepultura do velho emigrante numa cama de hospital  
colono tão pobre como desembarcaste em África  
meu belo Pai ex-português  
(CRAVEIRINHA, 1974, p. 90-91).*

1 Ver sobre essa mesma reflexão, Khan, Sheila. Pedir Licença na terra que é nossa. A miséria da colonialidade em **O alegre canto da perdiz**. In **Paulina Chiziane: vozes e rostos de Moçambique**, editado por MIRANDA, Maria Geralda; SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro, Curitiba: Editora Appis, 2013, p. 159-169.

A sua biografia está na pele de cada poema, no tecido de cada palavra que a sua poesia com inteligência e rigor foi trabalhando com minúcia sobre os mecanismos de exploração, da pobreza tatuada em cada corpo colonizado, dos despojos que cada homem, mulher, criança carrega num contraste infame com 'esplendor' obscuro e esmagador no interior da vivência da colonialidade portuguesa. Claramente, a sua poesia é um exercício de uma poética aplicada ao serviço de um dever, de uma ética, de uma dimensão que ultrapassa o lugar do estético, espraiando-se para além de uma simples cadeia de conteúdos e semânticas. Craveirinha é o poeta da reflexão do humano e da relação densa, complexa, dura que o mundo à sua volta deixa como cicatriz visível nos corpos, nas vozes, nos silêncios e amarguras do povo que ele canta, acarinha e reconhece:

*Escuro e frio*

*fizeram juras nos corpos em serapilheira  
e na manhã dos caminhos de cacimba  
Magondo abriu os olhos enormes  
ao mágico sinal das palmas tatuadas de calos  
e ao sal das vozes do cais na garganta estrangulada.*

*E alma de Magondo escureceu*

*de medo e de frio  
e Magondo saiu de casa de caniço  
e finalmente desceu  
à cidade incandescente de lâmpadas elétricas  
e assaltou as cabinas dos cinemas.*

*E Magondo levou nos braços*

*os belos tanques floridos dos canhões  
e a última experiência dos átomos libertados  
para o transido coração dos subúrbios.*

*Nas palhotas de caniço*

*Magondo acendeu um fósforo  
viu o lume crescer crescer  
e chamou toda a gente.  
E toda a gente fugiu*

*do escuro e do frio  
e à luz quente dos filme de guerra da Paramount  
os homens e as mulheres  
os velhos e os mufanas  
despiram as serapilheiras de pesadelo (...)  
(CRAVEIRINHA, 1974, p. 67-68).*

Acompanhando com o olhar acutilante a investigação da sua realidade, é inicialmente como jornalista<sup>2</sup> que vai abrindo caminho para a denúncia dos processos violentos de racismo e de discriminação racial nessa “nação que ainda não existe”.<sup>3</sup> Não será de todo estranho pensar que a sua presença é já a de uma voz sem medo de desconstruir e iluminar os cantos ideológicos da falácia, dos maniqueísmos e paradoxos que o colonialismo escondia por detrás de uma retórica de progresso, desenvolvimento e civilização. Cada poema seu é um texto explicativo, consciente e revelador da relação histórica que entrelaçou Moçambique e Portugal por caminhos e meandros sombrios e problemáticos, detalhando em cada estrofe uma antropologia por um lado do mundo colonial, e, por outro lado, da almejada emancipação e bem-estar social que Moçambique independente alcançaria, trazendo consigo a eliminação da escassez, da desigualdade e o reconhecimento das gentes que o poeta sempre quis acarinhar e proteger da dor com o seu manto poético. Um grito de liberdade escondido e, contudo, pulsante o que o seu labor poético tornou como testemunho não somente do seu tempo subjetivo, mas das várias dimensões por que passou a sua nação moçambicana. É por esse património histórico e por essas sementes que a sua obra foi partilhando, que a memória da sua poesia merece ser estimada, reivindicada e guardada. Muito mais do que o centenário do seu nascimento que entre pares de tantas latitudes será celebrado em 2022, importa fazer a pergunta: a quem pertence a memória da poesia de José Craveirinha?

Um dos ensaios mais marcantes sobre o legado da memória foi deixado por Imre Kertész, sobrevivente do Holocausto e escritor (RIBEIRO, 2020), no qual o autor eleva num tom coletivo e empático a importância de se saber a quem pertence a memória do Holocausto. Essa sua questão transcende o lugar de pensamento do Holocausto, implicando em cada um de nós herdeiros de narrativas de vida e de identidade de outras experiências (KHAN, 2009) o exercício de um dever de memória (LEVI, 2011), de um compromisso, o desejo e a coragem cívica de olhar de frente as lições e os ensinamentos da sobrevivência, perante o remanescente humano de um tempo fraturante, magoado e dorido que foi o das lutas de libertação nacional dos vários territórios africanos colonizados e a nova caminhada das sociedades africanas pós-independentes. A durabilidade dessa memória ou de todas as memórias testemunhas de um determinado período da história pertence às gerações que encontram na empatia, na compaixão e na fraternidade o entendimento de que estes legados são parte da nossa

2 De entre os vários, trabalhou como jornalista no **Notícias e Notícias da Tarde** e como redator em **O Brado africano e Tribuna**.

3 “Poema do futuro cidadão”, Craveirinha, 2002.

biografia, extravasam o percurso subjetivo para se tornar condição singular e essencial para a sua sustentabilidade no presente e no futuro. Inspirados por essa caminhada que não foi de todo pacífica e tranquila, para os sujeitos da pós-memória, isto é, para aqueles que recusam no presente a persistência de uma narrativa hegemónica pejada de subalternidade e de silêncios, a poesia de José Craveirinha representa um farol, abrindo espaço para a construção de uma

*pós-memória (...) que permite arrancar essas experiências ao silêncio e indiferença do esquecimento e proporcionar às gerações seguintes um papel ativo na produção da sua própria identidade, através do estabelecimento de uma relação com experiências não vividas, mas que, de modo mais ou menos difuso, são sentidas como elemento estruturante dessa identidade (RIBEIRO, 2021, p. 23).*

A cumplicidade cívica com o futuro de uma cidadania que compete defender e prolongar no tempo, inscreve-se nas palavras do poeta:

*Minha guerra  
será contra os pára-quedistas  
suspensos entre céu e terra.*

*Morrerei na minha guerra  
ou levarei nos braços de guerrilheiro  
para as crianças da minha terra  
as sedas lançadas  
do bojo do bombardeiro.  
E será minha glória  
as mães cantando aos filhos  
a verdadeira história  
do primeiro vestido de seda  
dádiva do céu  
(CRAVEIRINHA, 1974, p. 7).*

Craveirinha foi um homem sensatamente arguto na percepção de como a poesia seria uma maneira de poder mapear, analisar, compreender e decifrar as várias dimensões da sua vida e da daqueles que compunham o todo da sociedade moçambicana colonial:

*A poesia para mim é uma coisa que nunca se confundiu com versos. Era para mim uma ferramenta de reivindicação, uma ferramenta em que eu me ocultava para me projectar depois, já como outra coisa, através da poesia. Os meus poemas têm sempre alcance social, sócio-político. Mesmo quando agarro uma flor, é para dar a essa flor uma outra imagem. Os malmequeres da esperança...*

*Claro, isso criou-me problemas com os censores – bastava ter o meu nome, eles cortavam (...)*

*A poesia para mim é um instrumento e, muito, um refúgio para uma série de dramas interiores. É por isso que, quando me disseram uma vez em Lisboa: «Essa coisa da poesia não se vende! Hoje, queres ganhar dinheiro, tem de ser na prosa», eu disse: «É verdade, se puseres dessa maneira, é verdade que os poetas vendem-se menos que os prosadores. Porque eles, mesmo quando transfiguram a realidade, estão a ser mais fiéis que os prosadores. E é por isso que se vendem menos.» Porque as pessoas não querem ter o trabalho de ir ao encontro do poeta – porque o poeta vai sempre mais longe, vai para além do que as palavras dizem. Os poetas vendem-se menos porque hoje cada vez menos as pessoas têm tempo para se debruçar sobre o poeta. Mas os que são bons poetas são respeitados – quando não no seu tempo, um tempo depois são respeitados, embora se vendam menos (LABAN, 1998, p. 85-86).*

Foi constante o seu trabalho de escrever pela poesia a diversidade e a complexidade humanas. Com rigor, Craveirinha foi, antes de tudo o mais, a consciência viva de que a memória só seria possível e sustentável se se libertasse da vaidade estética, do elitismo cultural e pudesse decifrar e espelhar o linguajar natural e intrínseco do seu povo (CHAVES; THOMAZ, 2003). As gerações que hoje procuram a poesia de José Craveirinha unem-se à sua intuição, à forma como o poeta foi deixando sementes para a realização de um processo de interação e de comunhão entre gerações. Nesse sentido, são certas e transparentes as palavras de António Sousa Ribeiro, que sobre os legados de transmissão da memória escreve:

*Trata-se, sim, de criar condições para que seja possível proporcionar o máximo de ressonância e as melhores condições de projecção no nosso tempo a memórias que, pelo seu significado, transcendem qualquer forma de apropriação*

*particular. Criar e assegurar as condições de permanência de mais memória, como ato de justiça e de reconhecimento, não se compadece com lógicas de exclusividade – em nome de uma utopia de humanidade que, justamente na capacidade de não deixar que se apague o sofrimento das vítimas, se torna concreta (RIBEIRO, 2020, p. 3).*

É no resultado dessa consciência poética aplicada ao estudo e saber do mundo humano, que a obra de José Craveirinha vai página a página, poema a poema, estrofe a estrofe ecoando, criando raízes entre o tempo original da escrita e a sobrevivência temporal da sua poesia. Mesmo no poema mais singelo, Craveirinha cuidadosamente aprofunda os problemas sociais e micro-históricos, e é para dar voz e visibilidade sobre estes contextos que a sua poesia é chamada como uma força criadora de uma certa reparação social e humana:

*Menino gordo comprou um balão  
e assoprou  
assoprou com força o balão amarelo.*

*Menino gordo assoprou  
assoprou  
assoprou  
o balão inchou  
e rebentou!*

*Meninos magros acompanharam os restos  
e fizeram balõezinhos.  
(CRAVEIRINHA, 1974, p. 11).*

## **CRAVEIRINHA: POETA DA REPARAÇÃO HISTÓRICA**

Falar de um poeta como José Craveirinha implica entrelaçar tempos, contextos e memórias em diálogo com a sua ação poética de reparação histórica. A poesia de Craveirinha é, acima de tudo, uma história de nações e de identidades que se cruzaram no tempo do desejo de liberdade, de autonomia, e de um compromisso histórico e cívico que a sua escrita foi narrando, explicando e servindo como testemunho. No contexto da pós-memória, urge-me, como continuidade cívica e geracional do que o



poeta me e nos legou, pensar criticamente na sua obra não só como criação, mas também, como uma reivindicação de uma memória que nos ensina a refletir o presente, o passado e a refutar o esquecimento da memória, pelo exercício de uma responsabilidade ética, histórica e cultural, e que Craveirinha verbalizou de um forma tão clarividente: “o poeta é consequência das vivências do homem (...)” (CHAVES e THOMAZ, 2003, p. 418).

A poesia de Craveirinha não pode somente ser lida e enaltecida à luz dos prémios que sobre ela repousam como elogio, aplauso e deleite. A sua obra é, acima de tudo, fruto de um tempo social, político e histórico que ela procura pensar e reparar. Poderemos intuir que a poesia para José Craveirinha foi a sua arma, a sua verve e o seu fino e ativo compromisso para recusar o jugo colonial e a prisão humana imposta por um colonialismo alegadamente brando e de missão humanista. É com essa argúcia e ironia tão soberanas e constantes que a sua voz poética terá de ser lida e apreciada, porque mais do que uma disposição estética, ela foi a urgência de um grito de liberdade e de respeito humano:

*Suam no trabalho bestas  
e não são bestas  
são homens, Maria!*

*Corre-se a pontapés os cães na fome dos ossos  
e não são cães  
são seres humanos, Maria!*

*Feras matam velhos, mulheres e crianças  
e não são feras, são homens  
e os velhos, as mulheres e as crianças  
são os nossos pais  
nossas irmãs e nossos filhos, Maria!*

*Crias morrem à míngua de pão  
vermes nas ruas estendem a mão à caridade  
e nem crias nem vermes são  
mas aleijados meninos sem casa, Maria!*

*Bichos espreitam nas cercas de arame farpado  
curvam cansados dorsos ao peso das cangas  
e também não são bichos  
mas gente humilhada, Maria!*

*Do ódio e da guerra dos homens  
das mães e das filhas violadas  
das crianças mortas de anemia  
e de todos aqueles que apodrecem nos calabouços  
cresce no mundo o girassol da esperança.*

*Ah, Maria  
põe as mãos e reza.  
Pelos homens todos  
e negros de toda a parte  
põe as mãos  
e reza, Maria!  
(CRAVEIRINHA, 1974, p. 136-37)*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever estas reflexões, recordo um homem que ultrapassou com o seu pensamento o seu tempo social e humano e que, pela sua inconformidade, pela sua brilhante rebeldia e inquietude alcançou desafios que muitos não conseguiram, e que as marcas do seu corpo e as roupas de sangue manchadas foram denunciando como testemunhos de um tempo atroz e cruel. Não deixemos que o presente romantize o passado, muito menos que o silêncio obstrua a nossa capacidade de reagir com gratidão ao esforço de uma geração sacrificada por um ideal de emancipação e de autonomia coletivas. Recordemos Craveirinha como herdeiros da sua luta que este homem ergueu para criticamente olhar e pensar o Homem Novo que Moçambique gerou no seu tempo de independência como nação libertada. Perante os novos ventos de euforia política, de ordem e de vigilância, José Craveirinha, o poeta de uma nação que acabava de nascer, não permitiu que a sua voz se diluísse perante as transformações que aconteciam na sua nação. Inconformado com a retórica colonialista portuguesa, sentiu também a estação invernal que o seu pensamento e postura desobedientes provocaram perante a nova nação que muitas vezes o ignorou, o ostracizou e o desmereceu. Não sucumbiu aos tempos das ‘hienas’ que a sua poesia tão bem retrata. Subiu a sua

montanha e nela voltou a espriar o seu olhar crítico, sábio e tranquilo, como se cada machamba fosse a palma da mão dos moçambicanos e nela o poeta lesse o destino de Moçambique. Não seria um destino fácil com o tempo da guerra civil, da pobreza, e de tantos outros males que Moçambique viveu e que o seu povo recolheu como memória.

Craveirinha testemunhou a solidão humana e enfrentou como ninguém as pedras aguçadas dos tempos, por isso e por tanto mais é um ensinamento lúcido e magistral estas suas palavras: “(...) cada um anda pelos caminhos da história que o destino lhe reservou e cá estou eu e faria tudo igual se se repetisse. Uma pessoa não tem juízo” (CHAVES e THOMAZ, 2003, p. 424-425).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CRAVEIRINHA, José. **Karingana ua karingana**. Lourenço Marques: Edição da Académica, 1974.
- CRAVEIRINHA, José. **Obra poética**. Maputo: Imprensa Universitária da Universidade Eduardo Mondlane, 2002.
- KHAN, Sheila. **Imigrantes africanos moçambicanos**: narrativa de imigração e de identidade e estratégias de aculturação em Portugal e na Inglaterra. Lisboa: Colibri, 2009.
- LEVI, Primo. **O dever de memória**. Lisboa. Cotovia, 2011.
- RIBEIRO, António Sousa. Pós-memória: um conceito (ainda) emergente. *In*: RIBEIRO, António Sousa (ed.). **A cena da pós-memória**: o presente do passado na Europa pós-colonial. Porto: Afrontamento, p. 15-28, 2021.
- RIBEIRO, António Sousa. A quem pertence...? **Newsletter Memoirs**, 1-3, 2020. Disponível em: [https://memoirs.ces.uc.pt/ficheiros/4\\_RESULTS\\_AND\\_IMPACT/4.3\\_NEWSLETTER/MEMOIRS\\_newsletter\\_119\\_ASR\\_pt.pdf](https://memoirs.ces.uc.pt/ficheiros/4_RESULTS_AND_IMPACT/4.3_NEWSLETTER/MEMOIRS_newsletter_119_ASR_pt.pdf).
- THOMAZ, Omar; CHAVES, Rita. Entrevista com José Craveirinha. **Scripta**, v. 6, n. 12, p. 415-425, 2003. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12498>.